

# ACERCA DAS RESISTÊNCIAS À PSICANÁLISE: UM IMPASSE QUE ATRAVESSA A UNIVERSIDADE

Alexandre Dutra Gomes da Cruz <sup>1</sup>

Hebert Geraldo de Souza <sup>2</sup>

## RESUMO

Freud, ao proferir conferências na universidade, por vezes, deparou-se com reações de repúdio às ideias que apresentava, por parte tanto de colegas como do público em geral. A isso, ele denominou “resistência”. Nos cursos universitários de Psicologia, nos quais o primeiro contato com a psicanálise é questão recorrente, a resistência pode ser observada com frequência. Freud sustenta afinal que, na universidade, o estudante poderia aprender algo a partir da e sobre a psicanálise, mas jamais a psicanálise em si. Assim, Lacan indica que é preciso colocar algo de si para se implicar na transmissão do saber psicanalítico, sem deixar de advertir sobre a impossibilidade referente à formação de analistas na universidade. Dessa forma, este trabalho pretende explorar a resistência que a psicanálise enfrenta na universidade, bem como abordar uma questão que deve ser sempre considerada: a relação transferencial entre professor-aluno, concernente à questão da transmissão da psicanálise, uma possível solução para tal resistência.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Universidade. Transferência. Resistência.

Recebido em: 21/11/2016  
Aprovado em: 13/03/2017

---

<sup>1</sup> Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>2</sup> Fundação de Educação para o Trabalho de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

# ON RESISTANCES TO PSYCHOANALYSIS: A STALEMATE THAT CROSSES THE UNIVERSITY

Alexandre Dutra Gomes da Cruz

Hebert Geraldo de Souza

## ABSTRACT

Freud, when giving lectures at the university, sometimes faced reactions of repudiation of his ideas, both from colleagues, and from the general public. This he termed “resistance”. In the university courses of Psychology, where the first contact with psychoanalysis is a recurrent question, resistance can be observed frequently. Freud maintains at last that in the university the student could learn something from and about psychoanalysis, but never psychoanalysis itself. Thus, Lacan indicates that it is necessary to put something of itself to be involved in the transmission of psychoanalytic knowledge, without neglecting to warn about the impossibility regarding the formation of analysts in the university. In this way, this work tries to explore the resistance that the psychoanalysis faces in the university, as well as to address an issue that must always be considered: the transference relationship between teacher-student, concerning the issue of the transmission of psychoanalysis, a possible solution for such resistance.

**Keywords:** Psychoanalysis. University. Transfer. Resistance.

Received on: 21/11/2016  
Approved on: 13/03/2017

O presente artigo aborda os percalços da inserção da psicanálise no contexto acadêmico, discutindo algumas questões relevantes que aí se apresentam, como, por exemplo, o lugar da psicanálise no campo das ciências e as possibilidades atuais de transmissão dessa abordagem como saber teórico e prática clínica. Essas reflexões surgiram primeiramente no contexto dos seminários e atividades de produção científica propostas pela Liga Acadêmica de Psicanálise (LAPSI) da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (CMMG). A partir dessa experiência, ocorrida há alguns anos, os autores do presente artigo desenvolveram elaborações sob perspectivas diferentes: um deles, como aluno do curso de Psicologia da Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC), e o outro, como docente do curso de Psicologia da CMMG.

As reflexões que se seguem partiram da constatação de que, na contemporaneidade, a psicanálise assume cada vez mais a condição de estrangeira. Como tal, ela se constitui como aquela abordagem que se torna estranha frente a outras teorias da psicologia que avançam propondo a remissão do sintoma e a busca do bem-estar. Assim, se, para a psicanálise, como campo de estudos, já é problemática a entrada na universidade, concernente à interlocução dela com a psicologia, a questão se complexifica ainda mais.

Tradicionalmente, a universidade, que acolhe os saberes, aceitou a psicanálise como um saber a ser veiculado por ela e que, hoje, apresenta contribuição para as ciências, a seu modo, a respeito de pesquisas acadêmicas e avanços no campo social e clínico. Pacheco (2000) assinala que “deveríamos nos questionar se a psicanálise se constitui tão somente um ‘ramo da psicologia’, ou se ela veio para rivalizar com os demais sistemas teórico-metodológicos de abordagem da psique” (p. 26). E, no tocante à relação com outras abordagens da psicologia, alguns autores (ROSA, 2001) sublinham a importância de a psicanálise inserir-se no campo acadêmico, estabelecendo diálogo com outros discursos e práticas ali presentes, mas sempre se precavendo no sentido de preservar a complexidade da articulação dos próprios fundamentos teóricos, metodológicos e clínicos. Qualquer uma dessas posições terá implicações novas, diferentes daquelas que vigoravam na época de Freud ou de Lacan.

Torna-se, portanto, fundamental esclarecer que a psicanálise comparece de forma diferente de outros modelos teóricos e trata as questões da sexualidade humana como norteadoras do tratamento analítico, tendo ramificações nos conceitos de gozo, pulsão, sintoma, dentre outros. Nessa direção, ainda hoje alguns discursos confrontadores interpelam a psicanálise, questionando a presença dela e o espaço que pode ou deve ser-lhe tornado disponível nos cursos de Psicologia (ROSA, 2001).

Um dos pontos de questionamento é o fato de que a psicanálise não reivindica ser incluída no campo das ciências experimentais. Além de não ser um método que se demonstra por meio de experimentos em sala de aula ou laboratório, não possui técnicas que lancem intervenções definidas ou propõe práticas para serem realizadas no dia a dia do paciente. “O conhecimento advindo dela [a psicanálise] não é verificável por experimentação, não depende de investigação metódica, nem é sistemático” (COUTO, 2010, p. 68), ou seja, sua base é a clínica.

Sobre a aproximação da psicanálise com a ciência, Lacan (1966) diz que “o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência” (p. 873) e sugere uma aproximação entre os dois campos. Contudo, adverte que, em nome do discurso da ciência, a subjetividade poderia passar despercebida, com o seu subsequente apagamento. Dessa forma, os psicanalistas devem estar atentos quanto aos diferentes registros que permeiam a experiência clínica que a teoria propõe, considerando as especificidades dessa experiência diante do real, do simbólico e do imaginário.

A dimensão da clínica não pode ser desconsiderada quando se trata de um estudo psicanalítico, uma vez que o campo próprio de ação do psicanalista é a clínica, com os seus avanços e impasses, conforme o próprio Freud escreve quando apresenta uma definição sobre psicanálise:

A psicanálise é o nome de um procedimento para investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por outro modo; de um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e de uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (FREUD, 1996a, p. 253)<sup>3</sup>.

Sobre esse fragmento freudiano, pode-se apreender que a psicanálise não se traduz exclusivamente pelo trabalho de investigação de conceitos (cujo resultado seria apenas especulativo) nem apenas pelos processos terapêuticos sem qualquer formalização conceitual, pois isso resultaria em estudos intuitivos e sem rigor (FIGUEIREDO; VIEIRA, 2002).

A psicanálise não carece de se alinhar ao ideal clássico de ciência para efetivar a própria validação como método científico. Essa talvez tenha sido a maior contribuição de Lacan nesse aspecto, mesmo com o desejo de Freud de fundar a psicanálise como ciência, como comentam

---

<sup>3</sup> Original publicado em 1923.

Figueiredo e Vieira (2002): “a psicanálise poderia funcionar com a mesma eficácia, partilhando ou não do ideal de ciência” (p. 4).

Destarte, a dificuldade de compreensão sobre o lugar da psicanálise no campo da epistemologia das ciências é marcante, quando consideramos os questionamentos por parte de estudantes de Psicologia quanto ao estatuto científico da teoria desenvolvida por Freud. Quanto a essa questão, não se deve esquecer que a psicanálise encontra fundamentos epistêmicos a partir da prática clínica, com a exigência de rigor na construção e na formalização de casos, utilizando para isso uma linguagem conceitual própria. Essa linguagem nem sempre é acessível, em um primeiro momento, para o estudante de Psicologia. Rosa (2001) nos ajuda a esclarecer esse ponto.

(...) é impossível a determinação de um sentido único para cada conceito, uma vez que tal sentido é determinado pela articulação do conceito com o conjunto da trama teórica, pela experiência da prática, pelo lugar que o conceito ocupa, em uma dada época, na linguagem da comunidade dos psicanalistas. Em psicanálise, toda significação conceitual é uma significação contextual (...) (ROSA, 2001, p. 4).

Entretanto, há outras questões a serem consideradas no tocante à aproximação do estudante de Psicologia com a psicanálise. O que se observa na universidade é que, antes mesmo de escolher uma abordagem psicológica, o confronto do estudante de Psicologia com a psicanálise emerge de forma marcante. O que se constata é que a presença da psicanálise no ambiente universitário causa certo incômodo, instaurando ali um mal-estar.

Freud (1976a)<sup>4</sup>, proferindo conferência na universidade a médicos psiquiatras e leigos, afirmou ser inerente à natureza humana considerar como falso algo que lhe é estranho ou desagradável, sendo sempre fácil encontrar argumentos para justificar as objeções com relação à psicanálise. Dessa forma, “(...) transforma-se o desagradável em falso, repulsivo, surgindo argumentos de fontes emocionais” (p. 34). Sobre isso, Lacan (1973) fala sobre uma “*anti-pathia*” entre a psicanálise e a universidade.

Essa observação é plenamente válida atualmente, ao se considerar o impacto que a transmissão da psicanálise exerce sobre parte dos estudantes de Psicologia. Por vezes, a aproximação desses estudantes com a psicanálise suscita afetos de angústia, perplexidade ou mesmo

---

<sup>4</sup>Original publicado em 1915-1916.

aversão, e isso pode ocorrer logo ao primeiro contato. Em outras ocasiões, as resistências à psicanálise se tornam ainda mais nítidas, quando o estranhamento sentido pelo estudante é abertamente expresso com desdém, sob a forma de zombarias e deboches, gerando um mal-entendido acerca do que realmente está em jogo nessa transmissão.

As questões pessoais que levam os estudantes dos cursos de Psicologia a escolher essa profissão passam sempre por vias singulares, baseadas no percurso de cada um. Os laços começam a ser estabelecidos gradativamente, bem como a formação de repulsas com relação a certas abordagens psicológicas. Assim, ao se depararem com a psicanálise, alguns estudantes são arrebatados pelo que ela “porta de enigma, de estranho e que remete ao não saber do inconsciente” (PINTO, 2006, p. 25). Essa é uma das facetas que a resistência à psicanálise assume na universidade.

Encontramos o conceito de resistência nos dicionários de psicanálise, indicando “o conjunto das reações de um analisando cujas manifestações, no contexto do tratamento, criam obstáculos ao desenrolar da análise” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 659) ou “tudo o que, nos atos e palavras do analisando, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 595-596). Desse modo, Freud (1987, p. 124)<sup>5</sup> menciona os “pensamentos involuntários”, que estariam aptos a liberar uma resistência muito violenta, que visaria, em última instância, impedir o surgimento de algo que remetesse o sujeito a recordações angustiantes, mantidas sob recalque.

Assim, desde o início da psicanálise, com Freud, o fenômeno da resistência tem sido amplamente reconhecido e considerado pelos psicanalistas, em âmbito tanto teórico quanto clínico. E, na qualidade de conceito clínico, a concepção de resistência surgiu quando Freud registrou as primeiras tentativas de fazer vir à tona lembranças “esquecidas” das pacientes histéricas que atendia.

Quando a psicanálise já havia percorrido um caminho, Freud afirmou:

Mas convém lembrar ainda que parte do conteúdo deste escrito – a saber, sua insistência na importância da vida sexual para todas as realizações humanas e a ampliação aqui ensaiada do conceito de

---

<sup>5</sup> Original publicado em 1900.

sexualidade – tem constituído, desde sempre, o mais forte motivo para a resistência que se opõe à psicanálise (FREUD, 1972, p. 126)<sup>6</sup>.

Por extensão, Freud (1972) falou de resistência à psicanálise para designar uma atitude de oposição às descobertas que ele havia feito, na medida em que elas revelam os desejos inconscientes e infligem ao homem um vexame psicológico ao contrariar valores vigentes.

Dentre os sentidos conferidos por Freud ao termo “resistência”, abordaremos aqui aquele que atravessa o estudante de Psicologia quando confrontado com as teorias psicanalíticas acerca da vida sexual. Para elucidá-lo, não é demais recorrer a um episódio narrado pelo próprio Freud, ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial. Um médico alemão, praticante da psicanálise, além de cumprir as funções médicas, dispôs-se a transmitir os conhecimentos que possuía sobre psicanálise aos colegas e superiores, uma vez que era notado por exercer inesperada influência sobre os pacientes. No entanto, essa transmissão não ocorria sem problemas, conforme Freud relata:

Tudo ocorreu bem, durante algum tempo; quando, porém, falou ao seu auditório a respeito do complexo de Édipo, um de seus superiores levantou-se e disse que não acreditava nisso, que constituía um ato vil, por parte do conferencista, falar-lhes a respeito de tais coisas, a homens honestos lutando por seu país e que eram pais de família; que proibia a continuação das conferências (FREUD, 1976b, p. 121-122)<sup>7</sup>.

Assim como ocorria com os bravos combatentes nas conferências sobre a psicanálise proferidas nos campos de guerra, logo que os aspirantes a psicólogos ingressam na universidade, são apresentados à mitologia grega do rei Édipo, fadado pelo destino a matar o pai e a desposar a mãe, sem que o soubesse.

Ao passar pela tragédia grega do rei Édipo e estudar a obra sofocliana pela perspectiva da psicanálise, sob o nome de “complexo de Édipo”, o estudante aprende sobre a escolha que “a criança faz, ao tornar sua mãe o primeiro objeto de amor” (FREUD, 1976b, p. 101), bem como sobre o anseio de eliminar o pai, tomando o lugar deste junto à mãe. A centralidade conferida ao fator sexual na causação da neurose, fundamentada no complexo de Édipo, representa

---

<sup>6</sup> Original publicado em 1905.

<sup>7</sup> Original publicado em 1916-1917.

expressivo papel, dentre outras temáticas abordadas pela psicanálise, nas resistências levantadas contra ela.

Freud (1996b)<sup>8</sup> nos faz pensar sobre a questão do mal-estar quando diz que a civilização impõe ao homem a renúncia das pulsões, tanto da sexualidade quanto da agressividade. “O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (FREUD, 1996b, p. 137). A ideia de um conflito permanente entre as pulsões de vida e de morte é fundamental no discurso freudiano, que não deixa de advertir que a renúncia total às exigências pulsionais é impossível. Essa impossibilidade mantém a vigência desse discurso em nossa atualidade.

Trazendo essas concepções para o contexto universitário atual, no tocante ao ensino da psicanálise nos cursos de Psicologia, um mal-estar sobrevém à medida que o discurso psicanalítico atravessa os alunos. Estes, ao se depararem com questões referentes ao próprio inconsciente, afastam-se e, por vezes, atacam a psicanálise. Percebe-se, dessa forma, que o estudante pode não querer escutar acerca daquilo que o atravessa, no inconsciente. Trata-se de algo para o qual ele, certamente, ainda não está psiquicamente preparado para enfrentar.

Contudo, é importante manter certa cautela ao trazermos para o contexto universitário o emprego do termo “resistência”, que Freud desenvolve no contexto da clínica analítica. “A resistência cresce quando se aproxima de um novo assunto” (FREUD, 1976a, p. 80). Ele faz essa referência à resistência no contexto do processo analítico *stricto sensu*, mas vale mencionar que nem por isso deixou de considerá-la, em uma perspectiva mais ampla, quando aborda as dificuldades de ordem afetiva por parte daqueles que experimentam um primeiro contato com os pressupostos teóricos da psicanálise. Afinal, “quem não vê com bastante simpatia uma coisa não a compreende facilmente” (FREUD, 2010, p. 241)<sup>9</sup>.

Por isso, os professores que se ocupam, na universidade, do ensino de disciplinas ligadas à psicanálise recomendam que o estudante de Psicologia interessado pela psicanálise inicie um processo analítico, paralelamente ao aprendizado acadêmico. Sem nenhuma dúvida, a formação em psicanálise não acontece sem que o estudante esteja em processo de análise. Sem esse processo, as resistências contra a psicanálise se tornariam cada vez mais vigorosas,

---

<sup>8</sup> Original publicado em 1929-1930.

<sup>9</sup> Original publicado em 1917.



assumindo, frequentemente, uma tonalidade passional permeada pelo fascínio e pela servidão intelectual.

O processo analítico é importante não apenas para impedir que questões pessoais se embaracem com questões teóricas, sejam de cunho clínico sejam de cunho epistemológico; ele é fundamental para que o aprendiz da psicanálise experimente sobre si próprio os efeitos da análise que realizar e adquira, dessa forma, a convicção acerca da validade dos pressupostos desse método. Abre-se, assim, o caminho para uma possível formação, tal como indicada por Freud (1976c)<sup>10</sup>.

Penna (2003) afirma não ser possível transmitir a psicanálise como qualquer outro saber e que, portanto, os estudantes não podem chegar a ser psicanalistas valendo-se apenas do ensino que recebem na universidade. Ou seja, além dos estudos sobre a teoria psicanalítica, é preciso que o aluno empreenda esforços no sentido de passar pelo processo analítico e ser supervisionado por outro psicanalista.

Freud falou sobre a questão da formação do psicanalista em várias ocasiões. Em *Sobre o ensino de psicanálise na universidade* (1974)<sup>11</sup>, ele situa a questão da formação do analista referida ao clássico tripé: análise didática, supervisão e ensino teórico.

É indubitável que a incorporação da psicanálise ao ensino universitário significaria uma satisfação moral para todo psicanalista, mas não é menos evidente que este pode, por seu lado, prescindir da universidade sem menosprezo algum para sua formação. Com efeito, a orientação teórica que lhe é imprescindível ele a obtém mediante o estudo da bibliografia respectiva e, mais concretamente, nas sessões científicas das associações psicanalíticas, assim como pelo contato pessoal com os membros mais antigos e experimentados das mesmas. Quanto a sua experiência prática, fora aquela adquirida através de sua própria análise, poderá alcançá-la mediante tratamentos efetuados sob controle e guia dos psicanalistas mais reconhecidos (FREUD, 1974, p. 251).

Porém, não há como negar e muito menos evitar que a demanda por parte dos alunos de Psicologia por se tornar analistas surja à medida que eles se veem defrontados com as próprias

---

<sup>10</sup> Original publicado em 1926.

<sup>11</sup> Original publicado em 1919.

questões. “No ensino de psicanálise, é preciso que o sintoma seja escutado, levado em conta” (SÁ, 2006, p. 95).

Freud (1974) escreve sobre certas características do interlocutor a quem ele se dirige nas conferências: argucioso, erudito, sem preconceitos, que o escuta com atenção e que acompanha o que diz sem poupar-lhe críticas rigorosas. Esse interlocutor poderia ser o suposto psicanalista, que, ao colocar-se à disposição do estudo psicanalítico, não deixa de apresentar tais características, ou seja, acaba colocando algo de si, em uma relação transferencial com quem ensina.

Invariavelmente, *apre(e)nde-se* psicanálise sob transferência, seja nas instituições psicanalíticas seja na universidade, com algum professor. E em todas essas possibilidades, é inevitável a necessidade de “colocar algo de si” (LACAN, 1998, p. 11) para que algo do desejo do analista comece a se produzir.

A transferência auxilia na compreensão da relação que se estabelece entre o professor e o estudante, pautada pela construção do conhecimento. A respeito dessas considerações, não é demais lembrar que Freud (1969)<sup>12</sup> atribuiu considerável importância à função do professor, afirmando que ele ocupa lugar central na formação – acadêmica e pessoal – do estudante: “é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve maior importância foi a nossa preocupação com as ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres” (FREUD, 1969, p. 248). Sobre essa questão, a psicanálise permite afirmar que as pessoas com as quais o sujeito passa a conviver fora do círculo familiar, restrito à autoridade dos pais, passarão a exercer um papel de figuras substitutivas dos primeiros objetos dos sentimentos desse sujeito, tornando-se *imagos* destes. E o professor é uma dessas figuras, depositário do investimento psíquico originalmente destinado aos pais.

Por fim, pode-se afirmar que cabe ao professor, orientado pela ética da psicanálise, a responsabilidade de manter a marca do seu desejo no próprio ato de transmissão que propõe, reafirmando, em cada laço que estabelece com os alunos, o caráter fragmentário do saber psicanalítico, que não se totaliza por não poder ser todo dito.

---

<sup>12</sup>Original publicado em 1914.

Começamos a pensar na possibilidade de que a resistência à psicanálise possa ser elaborada pelo estudante de Psicologia na relação transferencial entre ele e o professor. “Se, contudo, conseguimos ajudá-lo a superar essa resistência, ele recupera sua compreensão interna (*insight*) e entendimento” (FREUD, 1976b, p. 81). Assim, torna-se claro que não é possível pensar a transmissão da psicanálise sem lembrar que ela é sempre operada sob transferência, visto que a posição de quem ensina determina essa transmissão.

Freud (1974), desde muito cedo, entendeu que o ensino de psicanálise não se resumiria à mera reprodução de informações técnicas repassadas por alguém que ensina a outro que aprende. Ao estender essa compreensão para o ensino da psicanálise nas universidades, torna-se impossível desconsiderar que a transmissão da psicanálise deve ir além do acúmulo de conhecimento. Afinal, de nada adianta aumentar o conhecimento do estudante sem que nada se modifique nele.

Por fim, diante do que foi abordado, somos levados à conclusão de que a universidade deve se encarregar do ensino da psicanálise junto aos alunos de Psicologia, partindo do conhecimento psicanalítico já estabelecido, como já vem sendo feito atualmente, em muitas instituições acadêmicas no Brasil. Contudo, a formação do psicanalista não se reduz à experiência de aprendizado acadêmico, pois é impossível à universidade abarcar *toda* a psicanálise (ESCARS, 2006, p. 17). Enfim, o saber psicanalítico não se universaliza jamais, pois ele é sempre de caráter parcial e fragmentário, tributário da clínica, em seus avanços e impasses. Em decorrência disso, sempre haverá uma tensão necessária entre o discurso psicanalítico e o discurso universitário, já que há algo da psicanálise que insiste em resistir a qualquer afã de universalização do conhecimento.

A partir do ensino de Lacan (1973), pensamos que a *anti-pathia* entre o discurso psicanalítico e o discurso universitário serve para constatar que a resistência à psicanálise sempre existiu, e ela continuará a existir, na medida em que a psicanálise perseverar no propósito de tocar nas questões ligadas ao inconsciente e ao sintoma de cada um.

## REFERÊNCIAS

COUTO, L. F. S. Quatro modalidades de pesquisa em psicanálise. In: NETO, F. K.; MOREIRA, J. O. (Org.). *Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade*. Barbacena, MG: EdUEMG, 2010, p. 59-80.

ESCARS, C. O leitor suposto. Elementos para pensar a transmissão da psicanálise na universidade. In: LO BIANCO, A. C. (Org.). *Freud não explica: a psicanálise nas universidades*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006.

FIGUEIREDO, A. C.; VIEIRA, M. A. Psicanálise e ciência: uma questão de método. In: BEVIDAS, W. (Org.). *Psicanálise, pesquisa e universidade*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002, p. 13-33.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 4-5.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. 7.

FREUD, S. (1914). Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 13, p. 243-250.

FREUD, S. (1915-1916). Conferências introdutórias sobre psicanálise (partes I e II). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976a, v. 20.

FREUD, S. (1916-1917). Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976b, v. 22.

FREUD, S. (1919). Sobre o ensino da psicanálise na universidade. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 17, p. 185-189.

FREUD, S. (1923). O ego e o id. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a, v. 19, p. 13-72.

FREUD, S. (1926) A questão da análise leiga. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976c, v. 20, p. 175-241.

FREUD, S. (1929-1930). O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 67-148.

FREUD, S. (1917). História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010, v. 14, p. 240-251.

LACAN, J. (1966). A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1973). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PACHECO, R. A. O debate epistemológico em psicanálise (à guisa de introdução). In: PACHECO, R. A.; COELHO JÚNIOR, N.; ROSA, M. D. (Org.) *Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise*. São Paulo: EDUC/Casa do Psicólogo, 2000, p. 15-42.

PENNA, L. M. D. M. *Psicanálise e universidade: há transmissão sem clínica?*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINTO, J. F. Psicanálise e universidade: mais, ainda. In: LO BIANCO, A. C. (Org.) *Freud não explica: a psicanálise nas universidades*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006.

ROSA, M. D. Psicanálise e universidade: considerações sobre o ensino de psicanálise nos cursos de psicologia. *Psicologia USP*, v. 12, n. 2, 2001. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642001000200016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200016)>. Acesso em: 10 set. 2016.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SÁ, R. O possível e o impossível: contingências do ensino da psicanálise na universidade. In: LO BIANCO, A. C. (Org.) *Freud não explica: a psicanálise nas universidades*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006.

**Alexandre Dutra Gomes da Cruz**

*Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC MINAS. Professor no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (CMMG).*

*alexandregomescruz@gmail.com*

**Hebert Geraldo de Souza**

*Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da UFMG e psicólogo pela FUMEC. Professor nos cursos de Enfermagem e Segurança do Trabalho na UTRAMIG/BH e psicólogo na Unimed/BH.*

*hebertg.souza@hotmail.com*